

MARIA RITA



SEMANARIO
Direcção literária de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

MEMORIAL
Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SÉRGIO

REUNIÃO DE CURSO



Estebe muntissemto afrequintada a runião do Curçoço Jurideco dos Marçanos de 1885-90

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L. da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00

Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00

Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00

Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Colecção PARA TODOS

A melhor serie de romances, dos mais interessantes
autores estrangeiros, de Aventuras de Amor, Poli-
ciais e Históricos, Literatura são

Preço de cada volume em todas as Livrarias

BROCH. 12\$50 — ENC. 17\$50

Rafael Sabatini

(o Dumas moderno)

Scaramouche fazedor de Reis
O Capitão Blood
A Volta do Capitão Blood
O Gavião do Mar
O Príncipe Romântico
O Grande Amor

Baronesa Orczy

O Pimpinela Escarlata
A Vitória do Pimpinela Escarlata
Novas aventuras do Pimpinela Es-
carlate
Sir Percy
Eu me vingarei
O Tirano
Eldorado
Rosamaria

Edgar Wallace

O Milhão Perdido
O Gabinete n.º 13
O Vingador
O Comandante de almas
O Apartamento n.º 2

Um Perfil na Sombra
O Leão da Bólsa
A Serpente de Plumas

E. M. Hull

O Filho do Sheik
O Sheik

Elynor Glin

Macho e Fêmea

P. C. Wren

Beau Geste
Beau Sabreur

E. Barrington

A Divina Dama

Conan Doyle

A Cidade Submaria
A Caixa Sinistra

Jak London

Aventureira

LUÍS EDMUNDO

O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS

Cvriosa reportagem histórica, reconstrução da vida social brasileira durante o vice-reinado do Brasil no Rio de Janeiro, 1763-1808.

Um grosso volume com mais de 500 páginas, grande formato e cerca de 300 ilustrações, na maioria originais dos pintores brasileiros Wash Rodrigues, Henrique Cavaleiro, Marques Júnior, Carlos e Rodolfo Chambelard. Reconstruções feitas através documentos históricos. Hors-Textes reproduzindo estampas do tempo, telas, bem como outros aspectos da Arte portuguesa no Brasil Colonial. Luxuosa impressão.

Assuntos do livro: A cidade colonial. A gente Ruas, praças vielas e alfurjas. Lojas. Mercadores e seus caixeiros. Ambulantes. Mergulhos. Escravos. Procissões. Igrejas. Sentimento religioso da massa. Padres. Frades. Irmãos da opa. Nosso País.

A casa e sua arquitectura. A morada por dentro. Mobilário. Criados. Cosinha e mesa. Donos e donas de casa. Nascimento, infância, adolescência e educação de sinhasinha. Namoro e casamento. As cortezias e obrigações na sociedade. A moda. Os elegantes do tempo. Médicos. Cirurgiões. Barbeiros. Parteiros. Dentistas. Algebristas. Sangradores. Feiticeiros. Santos curadores. Festas populares. Alegorias. Carvalhadas. Touradas. Congadas. Serração da Velha. As folias do Divino. Outras diversões populares. Teatro. Actores. Espectadores. Plateias. Peças. Tertrinhos de bonecos. Justiça. Juizes. Causas. Advogados. Pelourinhos e fôrca.

Um volume brochado pesando 1:600 gramas 75\$00

Direito de Família dos Soviets

Por **VICENTE RÁO**

Contendo o código das leis de casamento da família e da tutela, traduzido e comentado. 2.ª edição, à venda em todas as Livrarias.

PREÇO: 20\$00

PEDIDOS À

Livraria Avelar Machado

Rua Poço dos Negros, 19-21 — LISBOA

LIVRARIA AVELAR MACHADO
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Poço dos Negros, 21 — LISBOA

Rua do Almada, 107-2.º — PORTO

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Quando eu era rapaz, tive, como toda a gente, uma bicicleta. Eram raras nesse tempo, e nada baratas. Esta última consideração não obsteu, porém, a que eu, levado pelo entusiasmo próprio da juventude, adquirisse uma, e, bifurcado nela, desse largos passeios pelas ruas do Pôrto e pelas estradas minhotas.

Certo dia, tendo de ir passar uns meses a Moncorvo, levei-a comigo. Saltei na estação do Pocinho, montei-a, e abalei caminho acima. Onze quilómetros de subida, uma rampa violentíssima que dava a impressão de só ter fim quando já topetasse o céu. Era uma tarde estival, de sol candente. Suava já por todos os poros, quando deliberei sentar-me à sombra exigua de uma amendoeira. Doíam-me os músculos, fatigados de se contraírem na abrupta ascensão. Ocorreu-me, então, a frase de Junqueiro:

— A bicicleta, invenção maravilhosa! Um veículo cujo burro vai em cimal

A alturas tantas, passou a diligência do correio. Pedi um reboque. Estenderam-me uma corda, que eu amarrei ao manípulo. E foi assim, ridiculamente

puxado à sirga, que eu surgi no alto da montanha.

Dias depois, quis ir a Mirandela. Depararam-se-me, quer na ida, quer na volta, subidas de duas e mais léguas. Conservei-me não sei quantas horas estendido num sofá, incapaz de mexer um dedo. E fixei-me na convicção de que a bicicleta pode ser uma coisa útil em regiões planas, mas resulta absolutamente condenável em províncias que, como Trás-os-Montes, raro conhecem a linha recta e as superfícies lisas.

Foi por isso que segui interessado, e com um grande movimento de simpatia e comiserção, a marcha dos ciclistas através do terreno trasmontano, desde a Régua a Chaves, por Vila-Real e Bragança. Se eu fosse ministro, galardava-os com a Cruz de Guerra. E tendo lido o anúncio em que certo empresário lisbonense solicitava coristas com boas pernas, imediatamente lhe escrevi a indicar-lhes o Nicolau, o Trindade e o Fernandes da Silva. Não lhes deve assentar pior o *maillot* do que a camisola amarela.

O governo de Varsóvia negou permissão a Maurício Chevalier para entrar na Polónia, com o fundamento de que jamais esse homem foi um artista, mesmo medíocre, não passando de um simples cançonetista de *music-hall*.

Teve o ministério polaco muita razão. Eu nunca compreendi a admiração mundial por Chevalier. Nem voz, nem gesto, nem arte de canto. Um cançonetista banal, sem dúvida. Isto não impediu, contudo, que ele nadasse em plena glória.

Há dois anos, o máximo, foi Madame Curie convidada pelo governo dos Estados Unidos a visitar aquele país, realizando uma série de conferências. Partiu. Ao entrar no cais do Havre, direita ao navio que a havia de conduzir à América, a multidão que pejava o molhe rompeu em aclamações. A ilustre mulher de ciência olhou em volta, um pouco assombrada, e reconheceu a breve trecho que as saudações não eram para ela: eram para Maurício Chevalier, passageiro do mesmo paquete.

Em Nova-York, recepção entusiástica. Lenços acenando, vivas calorosos.

A descobridora do rádio? Qual! Ao cançonetista. E enquanto Chevalier era levado aos ombros para terra firme, Madame Curie escoava-se pelo meio do povo, ignorada e humilde, entre o chefe do protocolo e um secretário de ministro.

Madame Curie é polaca. O governo de Varsóvia acaba de vingar, sangrentamente, a sua insigne compatriota.

Pois sim... Mas que vá Madame Curie a Hollywood, e verá como é posta fora de barreiras, por indesejável. E' velha, não tem *sex appeal*, nunca usou maquilhagem e nunca se divorciou... Para mais, foi sempre honesta. Seria um escândalo, semelhante mulher, na capital do cinema e da desvergonha.

O Congresso Eucarístico de Dublin custou à Irlanda cinco milhões de libras.

Em Portugal também já houve dois congressos eucarísticos. Mas ficaram, felizmente, mais baratos. E' verdade que, no que respeita a qualidade, foram muito inferiores ao da Irlanda.

Encontrei ontem o meu amigo Anselmo, que já não via há muito tempo. Achei-o abatido, melancólico. E apenas lhe fiz este reparo, o pobre rapaz desatou a chorar como uma videira.

— Que tens, Anselmo? Que te aconteceu?

— Uma grande desgraça — disse ele, sucumbido.

— Aumentaram-te às contribuições?

— Não é isso. Está a morrer a minha noiva. E eu não posso viver sem ela.

— Há-de melhorar, se Deus quiser.

— Não melhora. Os médicos perderam a esperança. Vai morrer dentro de horas; e eu, repito, não poderei viver sem ela.

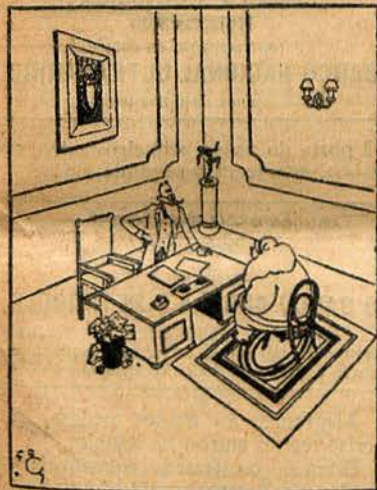
— Mas o que tem a pobre menina? E o Anselmo, entre soluços:

— Tem... oitocentos contos de dote!

Marcial JORDÃO.



Maneiras de dizer



— Minha senhora, eu sinto-me sobre modo honrado com a presença de uma pessoa tão fina...

Balancete da semana

Este calor que nos desabotoa
e nos faz transpirar,
viria de Lisboa?
viria do Ultramar?
Por mal dos nossos múltiplos pecados,
hão-de cumprir-se os fados:
Veremos já, neste orbe que derrete,
galinhas pondo os ovos estrelados
e os galos idem, — mas em «omelette»...
E' lógico, portanto,
que nudismo peçamos. Mas nudismo
integral, *comme il faut*,
em todo o seu encanto,
sem o puritanismo
do nosso trisavô,
Mestre Adão, — o famoso orangotango
que usava parra. Em vez de «tanga», tango.
E fique-se com esta,
caríssimo leitor. Nada mais resta
a quem acha o calor intolerável.
Nudismo é admirável
para os mancebos belos:
— Não achas, Vasconcelos?

*

Nicolau ou Trindade?
Na noss'alma não cabe um feijão frade.
Pr'á Vitória — se os mais não 'stão a pau, —
teremos de mandar o Nicolau?

*

Até foguetes hei-de
deitar, quando sair, lá da Avenida,
o divino suicida
de S. Miguel de Selde.
Aquilo era um pavor!
Camilo, mais o suor
de verdete no rosto à chuva exposto...
Pr'a rua de S. João, — ai que desgosto
se o Camilo tiver um monumento
que não faça sorrir!
Burgueses: que tormento
se Camilo pudesse ressurgir!...

*

A tal batalha aérea apavorou-nos.
Francamente, deixou-nos
sem cinco reis de sangue nas artérias...
Não circulava o dito,
sob as forças aéreas,
nem os severianos e automóveis...
Contudo, nem um grito!
e a metralha a cair lá do céu velho!
.....
Com a frente altaneira,
então, dobrei o joelho
e pensei no D. Nuno Alvares Pereira
— a invencível espada —
que foi meu Trisavô... (Não digam nada
para evitar qualquer atroz quesília...)
.....
Que honra pr'á família!

Pousa aqui... pousa ali...

Onde canta o sabiá Revoltosos e federais

Os constitucionalistas brasileiros continuam a progredir, tendo anunciado na semana passada que tomaram a cidade de S. Pedro.

Já tinham S. Paulo por êles; agora aderiu o S. Pedro, e, por tal motivo, os revoltosos julgam a sua causa ganha. Nós duvidamos, até ver.

Teem o S. Pedro e o S. Paulo? E' certo.

Mas os restantes apóstolos que faltam?

Sim, onde é que êles estão escondidos?

E' preciso que êles apareçam e que se averigüe também de que lado está o Judas.

Bancos e Peças A crise teatral

Os teatros de Lisboa, para *variarem* os espectáculos, usam agora um *truc* pouco honesto: anunciam peças antigas e já representadas com novos títulos.

A «Revista do Coliseu» é o «Viva Portugal», assim como «Na linha de Oeste», que se representou no Avenida, é o nosso conhecidíssimo «Reservado para Senhoras».

Agora um dos teatros anuncia a peça «Borges & Irmão», que é sem tirar nem pôr, «Boa noite, sr. Borges».

Uma peça Borges & Irmão deve sair uma boa peça de ouro. E oxalá assim seja, para bem da Empresa.

Se a moda de pôr às peças os nomes das firmas bancárias se divulga, não nos poderemos admirar se lermos nos cartazes:

Teatro Politeama

Hoje, às 9,30

1.ª representação da comédia

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

3 actos desopilantes

e à porta do nosso primeiro teatro, em Lisboa, aparecerá o seguinte aviso:

Teatro Nacional

Brevemente

A tragédia em 5 actos

O BANCO ANGOLA E METROPOLE

Previne-se o público que alguns dos protagonistas não entram na tragédia, a-pesar-de terem figurado em todos os ensaios.

Alegrem-se os nossos artistas, que a crise teatral entrou na agonia.

Estando os teatros transformados em Bancos, é certo e sabido que todos os actores terão os principais papeis... de crédito, podendo interpretar os «Portos», a «Divida Externa», 3.ª série... «6 1/2 Ouro», etc., etc.

O Pôrto debaixo da metralha

Meia hora de pânico. Três quartos de hora de Sulfato de Zinco. O que foi a formidável batalha naval... O que a **MARIA RITA viu de cima para baixo**

A coisa começou às tantas e mais meias. Os bombeiros, os adueiros e mais eiros chegaram ao mesmo tempo. Os únicos que compareceram à hora marcada foram os espectadores.

Às 4 em ponto já a Praça da Liberdade e circunvizinhanças com os respectivos telhados apresentavam um formidável aspecto de *première*.

O espectáculo era emocionante.

Tôda a gente andava com o nariz no ar e de orelha arbitrada à busca do mais pequeno ruído.

Nos ajuntamentos ainda se julgou ouvir alguma coisa que o nariz acusou; não foi ninguém.

A chegada das andorinhas

Eram mais de 4 e meia quando o ar escureceu de todo e apareceram ao longe, por de-cima das terras as silhuetas galantes dos nossos heróis do ar.

Apareceu então o primeiro carro de bombeiros que em vez de apagar veio excitar os ânimos.

Pararam as diversas circulações: a do sangue e a dos eléctricos, por exemplo.

Rosnavam-se coisas: que aquilo ia ser a sério; que as granadas em lugar de serrim traziam gases lacrimogénios, etc.

Mas era tudo "mintira"

A vida hoje não comporta lágrimas; e as granadas se alguma coisa traziam eram gases hilariantes para que o povo visse.

Um, dois, cinco, sete... Eram êles... Era o inimigo da cidade que chegava... E então o sempre amigo do Povo, o preclaro *Comércio do Pôrto*, num gesto que deixou os circunstantes agradecidos, começou a defesa da cidade com um tric-trac ameaçador dos ares, não deixando que nenhuma daquelas aves daninhas fôsse pernoitar lá na garage.

Um ataque "Serrado"

Mas a coisa lá no ar tomava o verdadeiro incremento.

Foi então que começaram a cair as granadas de serrim.

Foi um ataque "serrado"... mecânicamente.

Cá em baixo, os garotos, julgavam-se nas romarias, atrás das canas dos foguetes. Nos telhados abaixavam-se as cabeças não fôsem os camaradas lá de cima pretenderem descansar.

De repente passou uma revoada de pombas assustadas. E as granadas choveram novamente...

Acrobacia aérea

Foi então que um dos ases do baralho começou a jogar as escondidas!...

Cá em baixo o público dava palmas; e lá em cima o aviador dava voltas, parava o motor, virava-se de costas, de barriga, de pernas para o ar.

Só então o público soube que aquilo não era um inimigo: era um amigo que o distraía.

Entretanto os bombeiros corriam de lado a lado, os adueiros farejavam em tôda a parte os invólucros de papel servidos, e a camioneta da saúde pública andava à procura de *esgaseados*.

E o *Comércio do Pôrto*, sempre na mesma toada: trac-trac-trac-trac...

Conclusões

O espaço cheio de papelinhos de côr, os telhados com quási tôdas as telhas partidas, e o Zé a dizer: se um ataque à nossa cidade fôr sempre deste género, que venha todos os dias.

As lojas de barbeiro e a *Palmeira* aproveitavam o serrim para o inverno.

Consta que a Companhia Carris concorreu para a Festa.

Última hora

Depois da demonstração sofreu o baptismo do ar um nosso colaborador muito distinto, que até hoje só se tinha esbarrado de automóvel.

Ao destemido Dr. Knox, **MARIA RITA** deseja uma feliz carreira e faz votos para que na sua vida clínica não receite viagens aéreas para a prisão de ventre.

EMPREGADO — Oferece-se para todos os trabalhos de marcenaria e com bastante prática no fabrico de tôda a qualidade de bancos. Em último caso também se sujeita a ser empregado bancário. Exige-se ordenado compatível com a sua posição.

PERFIS DO PORTO

XIX

DR. NARCISO DE AZEVEDO

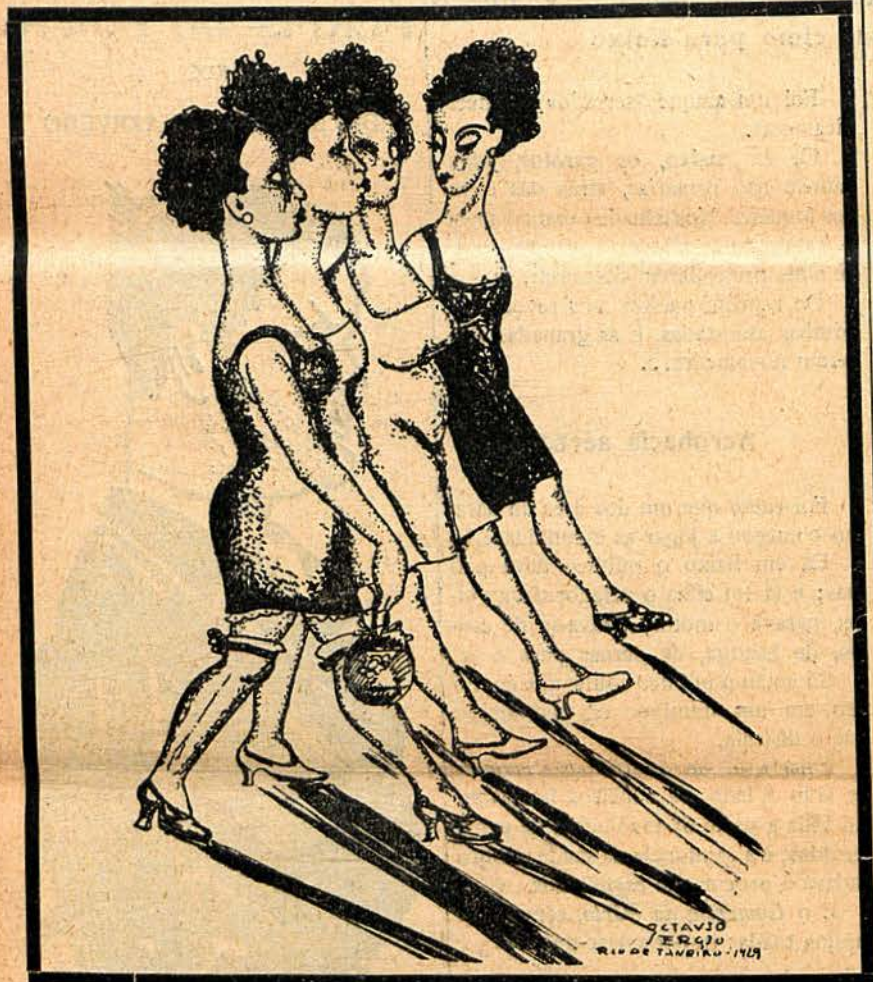


Um neto de Mestre Gil,
No seu vicentino intento
Este poeta gentil
Tem carradas de talento.

A VIDA E A MORTE

XXI

TIPOS BRASILEIROS



As mulatinhas cariocas

Contos humorísticos

Diário dum Guarda-nocturno

Pigmaleão Pancada, guarda-nocturno na minha rua, é um homem que escreve as suas piadas em alguns boletins de associações de socorros mútuos.

Ontem, quando cheguei a casa, entre as dez e as onze, bati as palmas e vi surgir o bom Pigmaleão da esquina fronteira.

Vinha triste e abatido. Enquanto me abria a porta, fui indagando da causa que o trazia mais Pigmaleão.

Questões de mulheres? — Isso sim. Pigmaleão é uma pessoa que não se preocupa com ninharias.

Falta de dinheiro? — Não. Pigmaleão tem o seu pé-de-meia no calcanhar duma peúga.

Falta de saúde? — Também não; porque Pigmaleão nunca teve uma dor de cabeça, a não ser em pequeno, quando sua mãe lhe «pregou» com uma escova no frontal.

O que seria, então?

Muito simples: Pigmaleão queria publicar

as suas memórias, à maneira de Diário do seu governo, e não conhecia ninguém que lhe desse uma ajuda.

Animei-o com duas palavras e pedi-lhe os linguadros.

Ofereceu-me uns papéis e desculpou-se de não escrever em linguadros, porque isso era muito fino para ele.

Prometi-lhe fazer todos os possíveis para arranjar um editor, e depois de dar «boas-noites», entrei em casa.

Eis o que diziam as fôlhas do «Diário dum guarda-nocturno»:

«Chamo-me Pigmaleão Pancada. Pigmaleão, é do pai, e a Pancada, é da mãe.

Nasci, como muita gente, na Guarda. Fui guarda-fiscal, guarda-republicano, guarda-marinha, e ainda estudei para guarda-portão.

Um primo que tinha em Lisboa arranjou-me o lugar de guarda-freio. Mais tarde estabeleci-me com uma casa de chapéus de chuva, ou guarda-

-chuvas, mas? o negócio não dava, porque os fregueses preferiam o guarda-sol.

Arranjei um emprêgo de guarda-costas, mas só me deu para comprar um guarda-louça que troquei mais tarde por um guarda-fato. E — oh! ironia do Destino! — Cheguei a andar com o fato esfarrapado, e toda gente me chamava: o guarda-fios!

Embarquei para a América e aí ocupei-me em guarda-lama, e no verão em guarda-pó.

Voltei para Portugal e fui guarda-livros numa fábrica de papel para música. Não me pagaram três anos, e cheguei a gritar: ó da guarda!

Presentemente sou guarda-nocturno.

Depois de saberem resumidamente o que foi a minha vida até aqui, vou entrar no diário da minha vida nocturna:

23 horas — A hora dos utilizados. Conheço-os pelo bater das palmas. Ainda ontem me disseram: tive sorte em encontrar o guarda-nocturno... aberto. Há muitos que preferem ficar no patamar da escada. É mais higiénico.

24 horas — A hora dos que não chegam tarde nem cedo. É a hora de toda a gente.

1 hora — Começam a chegar os frequentadores dos teatros. Ouço os bater as palmas desde o principio da rua. Outros dão pateada. Que barulho! Efeito das peças...

2 horas — Os primeiros boémios, os que ainda tem uma casa para dormir... porque os outros já estão entrados há muito.

3 horas — Podem bater as palmas, assobiar, imitar o galo ou os cães, porque eu, Pigmaleão Pancada, não respondo. É a minha hora, é a hora dos guarda-nocturnos!

E quem quiser entrar em casa, faça como eu: arranje uma chave!»

E mais não dizia o Diário de um Guarda-nocturno.

José ROSADO.

Pensamentos sérios

FEITOS A RIR

Aos 30 anos, o homem solteiro só tem uma ambição: arranjar uma velha que tenha quinhentos contos, uma filha boa e um automóvel. Só assim, ele terá garantido o futuro.

Deus e o Diabo, entendem-se como dois grandes amigos quando se trata de prejudicar o homem — casando-o.

«O amor não olha a raças», diz-se. Por isso o café com leite é um produto híbrido dum branco com uma preta ou dum preto com uma branca.

Há-de ter muita graça um homem de espírito requintado, sugerir-se ao amor duma preta. Que frases pronunciará ele para a não desgostar?

ALICK.

Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais

-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

Esta secção rege-se pelas palavras sacramentais da lei: *Jura dizer a verdade, só a verdade, nada mais que a verdade? Juramos.*

Tudo o que aqui exarmos é a expressão perfeita da verdade.

No *Primeiro de Janeiro* dum dia destes, vinha o seguinte anúncio:

Passa-se

a Farmacia Furtado Izêda (Bragança) servida por dois médicos devido a o seu proprietário ter comprado outra mais boa. Facilit. pagamento.

Chama-se isto fazer um bom reclame. O senhor Furtado, que comprou outra mais boa quer espetar esta agora, que é mais pior, ao primeiro que apareça. É é pior, por quê? Por ser servida por dois médicos?...

Damos em seguida o primeiro retalho de boa prosa:

Sua ex.ª, convidado e muito bem pela pacificação das hostes, ordem a suspensão da suspensão da festa já no seu início.

Ora Aguiar em peso opinião pela «marroteira», já porque é mais próprio e apreciável,—lá isso é—oferecendo assim mais probabilidades de rendimento... mas vão de encontro—pela minha acho que não tinha mal—a quatro ou cinco politequeiros de «trazer por casa», de cáedracá, que a trôco e um bairrismo que nem se justifica, começando de «untar as mãos a terceiros» querendo a romaria na capela, que dispõe apenas de um adro em que segundo uma lei se não permite ali manifestações de qualquer natureza.

Leram? Pois então apostamos em como V. Ex.ªs vão jurar que é do *Ecoss de Cacia*.

Pois não é. O que aí fica é do *Comércio de Gaia*, de 22 de Agosto, um jornal que, tal e qual o outro acima, está filiado no Sindicato da Pequena Imprensa.

Pois é verdade! Há aqui a dois minutos da cidade um órgão que toca desta forma!... E anda a gente por Cacia à procura de bons bocados!...

E depois, sabedores... Vejam esta:

«Diário da Manhã»

O passado número de segunda-feira, 15, foi dedicado à florescente ilha dos Açores, trazendo flagrantíssimas paisagens daquele arquipélago.

Esta também é do *Comércio de Gaia*, que chama ao arquipélago dos Açores uma ilha florescente!...

Aqui d'el-rei, sr. Ministro da Instrução.

E lá vamos nós cair no

“Ecos de Cacia,”

V. Ex.ªs desculpem, mas hoje temos que transcrever inteiramente uma notícia. E' impossível ser de outra forma. E' tanta a estupidez que não pode ser retalhada.

Ela aí vai:

Agreção Cubarde

Uma invuscada

No dia 3 do corrente pelas 22 horas, já quando uma parte da pataca povoação do pequenino lugar da Quintã se encontrava em silêncio, alguns destes foram subsaltados por uns pequenos gritos que partiram dos lados da Rua Manuel de Arriaga; correndo alguém ao local deparou-se-lhe o seguinte:

Aqui começa um período que requer fôlego de gato:

A hora indicada passava ali na dita rua, o sr. Silvestre Gonçalves Faria, que no dizer do mesmo, vinha de casa do grande industrial de Panificação em Oliveira de Azemeis, sr. Manuel Lourenço, porém surdiu-lhe de subito sem que contemplação alguma tivesse o Manuel da Silva, ou o (Manuel da Tomázia) que acompanhado com sua esposa, Tomázia de Matos ou a Tomázia do Manuel e munidos com um valente marmeleiro e com um cabo de machado, sem que tivessem contemplação com a vida de cada um, descarregaram-lhe uma paulada na cabeça, que o fizeram derrubar imediatamente, comessando desde logo furrando sangue com certa abundância, e não satisfeitos os agressores, perparavam-se para acabar de matar a sua vítima, pois que uma vez o homem deitado na calçada jurando sangue com certa abundância pelo grande ferimento que já tinha recebido continuaram malhando como que malhassem em centeio, pois que como os pequenos gritos que se fiseram ouvir, acudiu o sr. Manuel Lourenço, sua esposa, e creados, que desde logo trataram de prestar os socorros que o ferido requeria, pois que os meliantes continuavam na sua nefasta obra, sendo o ferido metido no auto do sr. Lourenço, foi este conduzido á farmacia local, onde se não pôde fazer tratamento algum sem a presença medica, seguindo imediatamente para casa do Ex.ªs Sr. Dr. Tomaz d' Aquino, o qual desde logo prestou todos os auxilios que o enfermo requeria.

Apri!

Sendo então verificado pelo mesmo clinico que além da grande bréxa na cabeça, tinha o dedo indicador da mão direita partido, algumas das costelas, fora de seu lugar, as costas e nádegas das pernas, estava tudo pisado com a força das grandes pauladas que apanhou.

Sendo conduzido no mesmo carro, depois de convenientemente pençado, re-

colheu ao leito, onde terá que jazêr, segundo as informações uns 45 dias.

Dizem-nos que a cauza d'esta agreção foi devido a uns casos paços a um ano. Providencias!! Providencias!!

De toda esta mastigada ficamos sabendo que o sr. Silvestre ficou com as nádegas das pernas pisadas, costelas partidas e as costas em mau estado.

Mas com certeza não foi tão mal tratado pelo Manuel da Tomázia, como pelo redactor da notícia.

Ora bem: O jornal que escreve isto, tem o arrôjo de dizer assim na primeira página:

O Ecos de Cacia tem sido um conquistador do ideal e tem combatido colossalmente o analfabetismo clamando por toda a parte. Instrução!... Instrução!...

Lá para êles, com certeza, a instrução deve ser como a liberdade: quem a tem chama-lhe sua.

Correspondências:

O correspondente de *Oliveirinha*, depois de descrever um entêrro, um casamento e uma agressão, traz êste bocadinho de oiro:

— Tambem se encontra doente o sr. Antonio Caldeira, atribui-se que a doença deste seja falta das algiveiras, devido ao negocio em batatas, estar por baixo preço.

E com certeza ainda a esta hora, o correspondente traz a cabeça direita... E daí—quem sabe?—talvez o atinido não tivesse nada que quebrar.

De Angeja:

— Tambem se retirou na mesma semana para Lisboa o nosso amigo que veio assistir ao falecimento da sua boa mãe o sr. José Marques Aleixo. Desejamos que tivesse tido uma feliz viagem.

O que é o progresso, meus senhores!... Antigamente só se podia assistir áquilo que tivesse dia marcado! Agora não! Agora já se vai assistir propositadamente a um falecimento e retira-se em seguida para os seus afazeres, havendo quem deseje uma feliz viagem.

Abençoado marmeleiro...

Declaração—Temos em nosso poder um único número do *Ecoss* que encerra toda a *MARIA RITA*! E' impossível escrever-se mais asneiras em quatro folhas de papel. Se tivéssemos a certeza de não aborrecer, dobraríamos a papada. Que acham?...

INTROITO

MARIA RITA diz o que
lhe apetece

Talvez por não haver «massa»,
ser maior o desemprego,
recrudescer a Desgraça,
pouco crédito na praça
e o mais completo sossêgo
na hora triste que passa;
talvez por não haver disto
com que se compram melões,
— por essas terras de Cristo,
— praias e termas — é isto:
anda a gente aos encontrões!
Em qualquer delas, tormentos
passam os bons hoteleiros,
pois não teem alojamentos
p'ra albergar os forasteiros...
Diz-nos em carta o Sampaio,
— jornalista dos primeiros —:
«Amigos certos: Não minto.
«Na Póvoa, o Cego do Maio
«teve de alugar o plinto
«a um casal de brasileiros».
Em Vizela e no Gerez.
— crudelíssimo fadário! —
a gente tem d'esp'rar vez
p'ra dormir... no balneário!
Na Foz, há camas aquáticas
com W. C., autoclismo
e outras coisas antipáticas
mesmo no seio do abismo...

.....
Póvoa, Vizela, Gerez,
Espinho, Figueira e Foz,
— vamos ver o que talvez
outros vejam, como nós,
sem, contudo, penetrar
no recanto singular
que só à MARIA RITA
— ainda fresca e bonita —
é dado transpor e entrar...

NAS PRAIAS

Nudismo e Macaquismo —
O Bicho-Homem

Nas praias, andam formosas
donzelas, castas e puras,
mostrando as formas airosas
aos galans impertinentes...
Com «soutien» parecem duras;
ao natural, são pingentes...
As ondas, ao vé-las, calam
seus eternos azedumes...
Passam coisas que até falam,
irradiando perfumes
que os «papos-sêcos» entalam...

PRAIAS E TERMAS

SALSAS ONDAS E SALAS VERDES

O que se vê

Digressão filosófica
da MARIA RITA

O que se faz

Cada mãe e cada filha!
São mil e um exemplares!
E os «machos»? Que maravilha

de sistemas capilares!...
Mostram pêlos nos sovacos,
no nariz, costas e peito,

nas' orelhas, — quais macacos
amestrados a preceito;
bastante galantes, — mas

que, coitados, só teem geito
p'ra no Amor entrar nas
categorias dos fracos....

“RIRA BIEN....”



O que o clero espanhol pensa de tôdas as repúblicas em geral e da espanhola em especial

Elas, tão rechonchudinhas,
vão apanhando conchinhas:
Eles apanham cavacos...

O AMOR

Como se dança e como se ama
— O Lacerda

Nas praias onde há batota,
— os que descalçam a bota
de jogar no «trinta-e-dois»
sem terem d'ir ao «50»,
— embandeiram em heróis,
mostram ter pêlo na venta
e erudição de mão cheia
em questões de natação,
e fazem um figurão,
olé! nadando na areia!
À noite, então, no Casino,
toca o «jazz», muito fino
e lindo, um tango milonga...
Vai o Lacerda, que é songa
atira-se de cabeça
à Ludovina, a mais nova
das filhas da Viscondessa...
A mãe tem os pés na cova,
e se morre, a filha herda...
Tem muita sorte, o Lacerda!
A mãe diz-lhe: — «Meu amigo:
«Minha filha teve um primo...
«Enfim... Abro-me consigo,
«porque, sem q'rer, já o estimo...
«Sim, Lacerda. Venha cá.
«Minha filha, já não 'stá
«como você a mer'cia...»
— «Inda mesmo que estivesse,
viscondessa, eu casaria!...»

BANHOS

Suas causas e efeitos

Quer na Praia, quer nas termas,
há enfermôs e enfermas
que com dez banhos seguidos,
segundo à risca os preceitos
de há muito estabelecidos,
tornam-se logo escorreltos...
Com um banho de imersão,
a alma fica lavada;
e a doença, aglomerada
com tanta transpiração,
bate as asas, vai levada...

.....
Porque a causa da tristeza
de alguns Romeus e Julietas,
— cinéfilos e poetas —
muitas vezes, com certeza,
é só falta de limpeza...

Uma correspondência--Um falecimento e um anúncio

Embora já exista na nossa bonacheirona MARIA RITA, a secção *Descanso Semanal*, não nos podemos furtar ao sublime prazer de prantar em frente aos órgãos visuais dos nossos arrojadados leitores os três bocadinhos de ouro contrastado que passamos a exhibir.

Damos a primasia a uma correspondência do Mindelo, publicada no *Comércio do Pôrto*, de 23 do corrente:

Mindelo (Vila do Conde), 12

Os impostos da Câmara foram arrematados pelos negociantes de cá. Apareceu aqui um indivíduo a vender cestos, em uma carroça. — C.

Tal qual! Nem mais nem menos! Isso que aí fica é a correspondência completa.

São duas notícias capazes de abalar o sistema planetário!

Os negociantes do Mindelo arremataram os impostos! E' da gente ficar de boca aberta!

Mas o outro caso é muito mais importante!

O que há-de dizer a Europa, quando souber que no Mindelo apareceu um homemzinho a vender cestos numa carroça?!

Não será conveniente participar isto à Sociedade das Nações?

O que o correspondente nos não diz, por modéstia, certamente, é quem era o burro que puxava à carroça.

Bravo, senhor correspondente, bravo! Não se envaideça, continue e não confunda estes bravos com os 7:500 bravos do Mindelo.

Outra das boas!

Esta também pertence ao *Comércio do Pôrto*:

Falecimentos

Na sua residência, ao Largo da Lapa 41, desta cidade, faleceu ontem aquela saudável senhora, etc., etc.

Mas quem é a saudável senhora? Ora quem há-de ser! E' o Largo da Lapa!

Pobre Largo! Realmente, nós quando por lá passamos há tempos, notamos que o Largo estava a ficar muito estreito e desconfiamos logo que o Largo já não tinha uma vida muito larga.

O que se não compreende bem na notícia é o motivo porque o Largo muda de sexo.

Deve haver confusão: O Largo é macho; a Lapa, é que é fêmea.

Desditosa Lapa! Qualquer dia morre também o Largo do Camarão!

Esta é melhor!

Agora, para fechar, vai um anúncio do nosso *Janeiro*:

Cavalheiro

livre, chegado da provincia, com perfeição em jardins e agricultura, deseja senhora proprietária nesta cidade ou fora. Prefere que seja viúva ainda nova, com um filho ou dois, ainda pequenos, de quem será pai extremo.

Vê-se pelo anúncio que este agricultor pretende fazer um enxerto numa árvore, não se importando que o arbusto tenha já um ou dois rebentos!

A vontade que esta bela alma tem de ser pai dos filhos que não são dele!

Ao menos é franco e sincero. E já não deve estranhar se depois do enxerto lhe nascerem alguns galhos...

MARIA RITA e os seus amigos

Do ilustre e competentíssimo maestro Bernardo Ferreira, recebeu o nosso crítico teatral uma amabilíssima carta com palavras muito amigas. Agradecê-las, é desmentir ao mesmo tempo a descabida modéstia dum valor nortenho.

Que o amigo da MARIA RITA, receba de nós todos a certeza de que terá sempre em nós um defensor tripeiríssimo.

Ficamos á espera do primeiro abraço.

Delicadeza



— Peço desculpa... julguei que era uma rapariga séria.

O bombardeio à cidade

Aviões a sério com granadas a fingir

Minha Ti'MARIA RITA:

E' verdade; não foi fita ter havido um bombardeio de aviões e aeroplanos, com granadas de permeio.

Pelo visto os seus planos, mais ou menos tenebrosos e com visos traiçoeiros, era causar graves danos aos destemidos *tripeiros*.

Eu, por mim, no bom propósito de me poupar à metralha, com tal furor despejada, lhe digo — a verdade valha! — que me encerre num depósito da tal *cerveja* encanada...

Ali, na Praça, entre os autos, vi-me em p'rgo; e em tais apuros, que debandei; pois, por cantos, morrem de velho os seguros...

No meu gesto cauteloso fui imitado; e, assim, muito povo temeroso se resguardou, pressuroso, das granadas de... serrim.

Sabe a Tia não ser d'hoje e ser norma consabida, devermos poupar a vida... O mais valente é o que foge!...

De resto o p'rgo agudo de ficarmos em torresmo não ocorreu; e contudo, no seu ataque iracundo sem respeito comezinhos, podiam ter feito o mesmo que fazem os passarinhos já desde que o mundo é mundo.

Dêste seu

João do MINHO.

A revolução brasileira

que tão enigmática tem sido, encontra a sua solução em mais uma pergunta.

Ei-la:

Em que se parece o sr. Getulio Vargas com uma pretinha grávida?

Resposta:

E' que ambos teem um negro porvir...

NAS

Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO, todos os artigos teem um cunho parisiense incedível

AUX GALERIES LAFAYETTE



Glosas recebidas... e publicadas com atraso:

Nos tempos que andava «a pata»
Muito sofria dum calo.
Agora já não me ralo.
Arranjei um auto-lata.
Não julguem que é sucata,
Marca Ford; bom artigo!
Levo a Antónia comigo,
Pra o campo com bom farnel;
E convido a Isabel,
Para passear ao Domingo.

(Portalegre).

Figueira do Inferno.

Após uma concordata,
Sendo credor bem temido,
Co'o dinheiro recebido,
Arranjei um auto-lata...
Um Joyce, coisa harata.
Com a sorte eu não respingo
Pois desta sorte me vingio!
Não podia «uma lata»
E hoje tenho uma lata
Para passear ao Domingo.

Herr Ritófilo.

Para evitar zaragata
Retire-me lá pra fora
E para não ter demora
Arranjei um auto-lata,
Puxado por uma gata
Com o respectivo amigo
Da gata; eu assim digo
Pra gozar lá n'aldeia
Esta foi a minha ideia
Para passear ao Domingo.

Livela.

Por fazer *biehinha-gata*
O Lulu a Isabel,
Pra sua lua... de mel
Arranjei um auto-lata,
Que lhe ofereço nesta data.
Assim, pois, é que me vingio
Deste que bebe bom «pingo»
E me causa compaixão:
Dou-lhe um auto de latão
Para passear ao Domingo.

(Seia).

Canra.

Num automóvel de prata
Quem me dera passear,
Mas para me contentar...
Arranjei um auto-lata.
Dou a minha passeata
Mas quasi sempre respingo
Porque preciso de um pingo...
O motor avariado
Preciso d'ele arranjado,
Para passear ao Domingo.

Octávia M.

Para o mote

*Vou-te dar um beijo grande,
Pra o trocáres em miúdos...*

recebemos as seguintes aproveitáveis

GLOSAS:

Quando o amor se expande
A pesar de eu ser um coxo,
Em lugar de te dar um chocho
Vou-te dar um beijo grande.
Espero que o calor abrande,
E a sombra d'aqueles miúdos,
E' um dos sitios seguros
Onde nos podemos sentar,
E eu te quero oscular
Pra o trocáres em miúdos.

Reirobi.

Antes que a roda desande,
Minha tão querida amada,
Na tua face rosada
Vou-te dar um beijo grande!
... E se quiser's que te mande
Como paga, cem escudos,
Não des roda de «peludos»
Aos que te pedem sigilo...
Pra o trocáres em miúdos...

Sepol.

Minha alegria se expande,
Quando te vejo querida...
Qualquer dia, de fugida,
Vou-te dar um beijo grande...
D'amor, não vejo quem ande
Como eu fazendo estudos
D'estes, que não são sisudos,
Porque dão lugar ao beijo,
Que te desperta o desejo,
Pra o trocáres em miúdos...

Alfredo Cunha (Raza).

Se um polícia irado brande
Chanfcho de duro aço,
Para evitar o que ou faço...
Vou-te dar um beijo grande.
Suplico-lhe que abrande,
Esses gestos facanhudos,
Receio ver os graúdos,
Metidos n'este sarlho,
Vou dar-te todo este injlho
Pra o trocáres em miúdos...

Rel Louro.

Todo o meu amor se expande
Quando olho pra tua boca.
E por isso, minha louca
Vou-te dar um beijo grande.
Pra que o amor não desande,
Os teus lábios respichudos,
Cór dos tomates graúdos,
Do que é meu merecem tudo,
Inda por cima um escudo
Pra o trocáres em miúdos...

(Azeiro).

Olegna.

Minha alma em gozo se expande
Enrufada na quimera,
Que depois da Primavera
Vou-te dar um beijo grande.
Antes que mais ninguém mande
Os teus lábios curvados,
Nessus murangas curvados,
Quero dar-te beijos mudos
Porque são mais expressivos
Junto o maior nos cultivos
Pra o trocáres em miúdos.

Alvecos.

O tanso que passa e mande
Que te dá notas de cem;
Que eu por mim, meu doce bem,
Vou-te dar um beijo grande.
Quando fôres para Gui-ande,
Eu não sou dos tais peludos,
Dos tais patos cabeçudos,
A quem tu chapas num pronto
Um lindo cheque de conto
Pra o trocáres em miúdos...

(Azeiro).

Angelo de Meneses.

Embora a sonhar éle ande,
O nosso Cunha do Raza
Inda diz, como uma brasa:
Vou-te dar um beijo grande.
Que me vai subir a lante,
E' um beijo, mas dos graúdos,
E um bilhete de cem «scudos»;
Porém, pegas no bilhete
E vais comprar sabonete
Pra o trocáres em miúdos.

Tóalo.

A pessoa que se expande
Aqui, sim, á compita,
Segreda á MARIA RITA:
Vou-te dar um beijo grande.
E sem que tal furia abrande,
Em um cinema dos mudos,
Por ocasião de entrudos,
Vou dar-te outro «inda maior»
Depois... vais para o maior,
Pra o trocáres em miúdos.

(Seia).

Agá Lurbno.

Que a terra anda ou desande...
Fulem ou não os mais tólos,
Eu cá por mim, nos teus pólos,
Vou-te dar um beijo grande.
Talvez que desvarie abrande
Teu ventre já paucudo
Que mais parece o Entrudo
E daqui a nove meses
Se não houver mais reveses
Pra o trocáres em miúdos.

Cagancho.

Por longas terras que ande,
Eu não consigo esquecer-te
E é por isso que ao ver-te
Vou-te dar um beijo grande.
Talvez que minh'alma abrande

Com os teus beijos rechonchudos,
Nos meus lábios cabeludos
Que me fazem sufocar,
E o grande que te vou dar
E' pra o trocáres em miúdos...

Lizé.

Pra que teu génio abrande
E sejas bom maridinho
E me trates com carinho
Vou-te dar um beijo grande
Não quero que a gente ande
Assim sempre tão sisudos
Mesmo por causa dos «Temudos»
Que tudo querem saber
E depois t'rem dizer
Pra o trocáres em miúdos.

Amarantino.

Caso o calor não abrande,
Persista canicular,
A fim de a sede matar
Vou-te dar um beijo grande...
E embora calor Deus mande,
Os meus beijos rechonchudos
Vão aos teus lábios polpudos
Libar delicia tam casta,
E dar-te um prazer que bosta
Pra o trocáres em miúdos...

John Athas.

Que te importa n ti que eu ande
A namorar mais pequenas?
Se eu gosto de ti apenas,
Hei-de dar-te um beijo grande!
Há-de ser um beijo enorme
Daqueles em que a gente dorme
E esquece os tempos bicudos.
Um beijo sincero e franco,
Um beijo nota-de-banco
Para trocáres em miúdos!

(Vila Real).

Andotos.

Para veres como se expande,
Esta alegria sem fim,
Depois do grande festim,
Vou-te dar um beijo grande.
Mesmo que a sorte desande,
E eu perca alguns escudos
Vou fazer certos estudos
Para assim te conseguir,
Visto que queres fugir,
Pra o trocáres em miúdos...

Delfim de Freitas.

Com pouca sorte que eu ande,
Não me esqueço do teu dia
E com enorme alegria
Vou-te dar um beijo grande.
Escolher: Queres que te mande
Uma barrica de escudos,
Jóias, pratos ou veludos?...
Podia ser um bordado
E o beijo acima citado
Pra o trocáres em miúdos.

A. L. (Marialva).

O teu rosto não expande,
Por me ver, muita alegria...
A pesar d'isso, Maria,
Vou-te dar um beijo grande.
Nem que um estalo desande
Dos teus dedinhos bicudos,
Os meus lábios ficam mudos.
Mas se gostar's de verdade,
Dou-te toda a liberdade
Pra o trocáres em miúdos.

(Pórtio).

A. C.

Mote a concurso para o próximo número:

*Ando a ver se arranjo um pé,
Pra dar de mão à Faustina.*

Sobre o concurso a abrir nesta secção,
pedimos a todos os glosadores que se pronunciem sobre a melhor forma de o levar a efeito.





Quem é?

Faz revistas,
sim senhor.
Mui bem feitas,
a primor,
Sem bigodes
refilões,
trás nos olhos
lampiões.
O seu nome
como vê,
principia
por um C.
Finda em lho
e aqui 'stá.
Quem é êle?
Quem será?

(Aveiro).

OLEGNA.

Anexim

O dorminhoco Fernando
tinha um namôro, a Luzia;
mas à hora de ir falar-lhe,
ferrava o galho — e não ia.

Vai p'ra falar co'a pequena,
uma vez que acordou cedo.
Ela tinha-se raspado.
Ficou a chuchar no dedo!

Diz-lhe um companheiro, ao ver
o seu desespero enorme:
— P'ra que dormias, se amavas?
..... (?)

BALDAQUINO.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
— Dr. Amílcar de Sousa. *Anexim* — «Quem tem
amigos, não morre na cadeia».

Matadores: Reiobi, Campeão, Toneca Barbas,
Cardial Mina, Rei dos Borlistas, Brancuras,
Satief ed Mifled.

Posta restante

Herr Ritófilo — A tristeza é coisa que não
se quer nesta casa. E pode ser também que as
suas glosas não tenham vindo perfeitas ..

Ora aí está uma coisa que de-certo lhe não
lêmbrou, não é verdade?...

E no entanto o amigo tem qualidades. A sua
defesa e queixa bem o demonstra.

Eis a razão porque ficamos crentes que não
deixará de vir. Tenha cuidado e nós lhes dare-
mos o geitinho que ainda não achou. Estará
bem assim?

H. M. — Mande sempre e mais. Bem vê;
nem sempre apanhámos tudo. E depois o *Ecós*
de *Cacia* é assunto certo e bom.

MEIO CONTO

1272 A MANA
OV 500#00 DE PROSA



O Policarpo, conservador

O Policarpo Samagaio era conser-
vador hereditário e usava umas ses-
senta-e-cinco primaveras que faziam
morder de inveja os vinte-e-dois inver-
nos de todos os mancebos cinéfilos,
deschapelados e algo anfbios.

Quando algum amigo o encontrava,
era certo e sabido que a conversa prin-
cipiava assim:

— Bravo, Policarpo! Que bela apa-
rência! Como tu estás bem conservado!

— Que queres, meu velho? Não
admira... Eu cá fui sempre conser-
vador!

E era testarrudo e faccioso, agarrado
aos seus princípios retrogados, o bom
do Policarpo.

*
* *

Quem o visse à porta do estabele-
cimento, jámais podia esquecer a sua
figura original e anacrónica.

Barretinho com borla, na cabeça; o
tabaqueiro a querer fugir pelo bôlso das
calças fora, os chinelos d'ourela e aquela
barbicha à passa-piolho, tudo isto fazia
supor que algum benfeitor da Santa
Casa da Misericórdia se tivesse evadido
da moldura para vir arejar a sua filan-
tropia, pelas tortuosas ruas do velho
burgo tripeiro.

O interior da sua casa transpor-
tava-nos a 1830.

Era o recuo dum século! Na sala
de visitas, um retrato do Sr. D. Miguel,
em cima do console uma caixa de música
e um papagaio empalhado; um número
do «Periódico dos Pobres» a tapar duas
tigelas com marmelada, e ao canto da
sala duas arcas cobertas com chitas de
ramagens.

A mulher ponteava meias, a filha
bordava a missanga e os filhos rezavam
o têrço e tiravam o burrié do nariz,
aquele mesmo burrié que em 1932 havia
de ser pôsto em música, com o quem é?
quem é? que tem carro e anda a pé?
ziquetruca truca, truca, bazaruca, mas
que coisa tão maluca!

Pelo que fica exposto já os leitores
sabem que o nosso Policarpo era um

ferrenho conservador. Tão conservador
como o Sr. Carvalho da Silva, o Sr. Fer-
nando de Souza, ou o Sr. Dr. Afonso
Costa.

*
* *

Encontramos, ontem, a sair da igreja
da Misericórdia, o Policarpo Samagaio.
Vinha de rezar as contas e de dormir
uma soneca. Fomos ao seu encontro.

— Então, como vai essa católica?
E a respeito de ideias? Conservador
sempre, não é verdade?

— Conservador até depois da morte,
meu caro. Eu, e todos os meus, a prin-
cipiar pelos filhos.

— Ah, os rapazes também são con-
servadores?

— Se são! respondeu o Samagaio.
E fungando uma pitada, acrescentou:
— Um dêles é Conservador do primeiro
bairro e o outro tem uma fábrica de
conservas. Já vê...

— São só dois rapazes, pelo visto.

— Também houve um terceiro, —
explicou o Policarpo, — mas êsse foi o
mais conservador de todos. Nasceu com
seis meses e, desde então, — e já lá vão
trinta anos! — que êle se conserva den-
tro dum frasco com alcohol. Olhe que
já é ser conservador!...

LEIDOAR.



ADEGA REGIONAL DO LAVRADOR
DE

Manuel Moreira Rato

Rua das Fontainhas, 53 e 55

PORTO

Vinhos de consumo, vinhos verdes,
vinhos do Pôrto, Azeites, Vinagres,
:: :: :: Aguardentes, etc. :: :: ::

Touros de morte?... Não! Touros de noite...



O que foi a primeira tourada nocturna de Gaia! Sensações — Desembolações — Perfurações — Prisões e outros ões que se não dizem...

Sol e môscas? Não! Morcegos e luz eléctrica

A primeira corrida nocturna desta época esteve à espera do fim do mês, a ver se os escudos choviam.

Realizou-se no dia 1 de Setembro, com o Sol a favor e a *sombra* interdita.

Estava marcada para as 9 e $\frac{3}{4}$, desde que houvesse número legal. Como não havia, começou às 10 e meia com qualquer número e como qualquer assembleia geral das novas S. A. R. L.

A assistência

Além da consabida Cruz Vermelha, estavam as caras conhecidas do costume: Novais, Côte Real, Marinhos, etc....

Há criaturas que andam mortinhas por uma tourada boa!...

Pois estas estavam lá tôdas, e poucas mais. E' verdade: também lá vimos o Arnaldo Leite e mais meia dúzia de *carecas*.

A propósito: o Teixeira pediu-nos para que mencionássemos o seu nome, para que desta forma a mulher saiba que êle esteve lá e não em qualquer outro sitio menos cornúpeto.

A tourada

Começou pelo primeiro touro, que coube ao Simãozinho. Mas o bicho era sentimental e nunca tinha saído fora de horas.

No entanto, foi para dentro com o signo Simão no cachaço.

2.º touro

Foi um consôlo. Tratado a ferro-quinol pelos capas, capinhas e capotes.

Saiu do redondel depois de cumprir o sr. Inteligente, que já conhecia de há anos.

3.º touro

Este parecia um *hombre*. Na praça havia a sensação de um acontecimento grave. Por exemplo: a leitura de um placard sobre os acontecimentos de Espanha.

Sangre!... Sangre!... Homens pelo ar!... *Más caballos!*... Suores frios!...

Uma verdadeira batalha tourestre... Tinham chovido palmas; começaram a chover almofadas...

Intervalo

Inteligentemente aproveitado pela empresa para demonstrar que tinha morrido um touro. Foi chamado o Alberto Pereira para o entérro; mas

como êle não chegasse, chamaram um médico, que declarou que a morte tinha sido, não por *embolia*, mas por embolação. Muitas palmas.

Soubese depois que êste animal, ao saber que ia tourear "El Estudiante" tinha-se suicidado com um tiro na cabeça.

2.ª parte e 4.º touro

Outra vez para o Simãozinho. Eram conhecidos velhos. Por essa razão o touro agüentou com farpas de tantos feitos como as ondas de rádio: compridas, curtas e extra-curtas. A assistência gostou e estava a penitenciar-se quando entrou o

5.º touro

Este cornúpeto entrou na praça como os provincianos na mesma da Liberdade. Houve alguém que o ouviu dizer baixinho: — Para que uma vaca cria um filho!...

Tal e qual um desgraçado doente que vai cair a uma cama do Hospital, êste bicho calhou a um "Estudiante" que ficou gatado. Mas como precisava de dinheiro para passar as férias, atreveu-se a descer à arena.

Magistral desempenho de *capote*... e lenço. O final de acto é que foi o diabo! O bicho tinha de ser morto simuladamente, e "El Estudiante", que não estava seguro da matéria, em vez de lhe espetar a *farpa* no nó vital, espetou-lha na barriga, que é quasi a mesma coisa.

A praça, de pé, pediu bis. E êle não se fez rogado. Bisou de igual maneira: pregou-lhe com outra *farpa* no umbigo.

E' natural que, depois disto, tanto o bicho como o toureiro tivessem vontade de descansar.

Por isso, o público mandou para a praça umas dúzias de almofadas.

6.º touro

Não veio à praça. Como dissemos acima, tinha-se suicidado.

A família participa que se não fizeram convites para o entérro por expressa determinação do finado.



ANEXIM

dedicado ao glorioso semanário
MARIA RITA

Portugal, lindo torrão
A' beira-mar situado,
Tens dentro, no coração,
Um povo glorificado.

Tens filhos, que continuam
A perfeita linguagem,
Mais do que nunca acentuam
O seu valor e coragem.

A literatura perfeita
De s' escrever no jornal,
Tem em Cacia, escorreita,
O principal arsenal.

Vão pedir inspiração
A's ninfas lá do seu rio
Poetas de vocação,
P'ra cantar ao desafio.

Os escritores de Cacia
São difíceis de transpor.
A sua prosa macia
E' arrancada sem dor.

De Portugal, é a glória
Cacia terra natal
D'um "eco" que vai p'ra a história,
Mais o dono do jornal.

Ao ler *Ecos de Cacia*
Lembrou-me certo rifão:
"Quem te manda, sapateiro,
Tocar nesse rabeção?"

Zé MARIA.

Acidente automobilístico

Esta semana sofreu um grande desastre, automobilístico, já se deixa ver, o arrojado automóvel do destemido arquitecto e nosso querido amigo, Sr. Baltasar da Silva Castro.

A vítima, que já há bastante tempo dava indícios de alienação mental, andando pelas ruas em corridas vertiginosas, chocou-se com outro automóvel, ficando ambos partidos aos bocadinhos, que foram logo arrematados pelo representante do *Austin* para fazer automóveis *bé-bés*.

O Sr. Baltasar, que anda de braço ao peito, encontrou assim um pé para descansar a mão alguns dias.

≡ IMPRENSA ≡

Jornal de Braga

Saiu no passado Domingo, 4 de Setembro mais êste colega. Dedicou-se à literatura, ao Sport e ao humorismo.

MARIA RITA cumprimenta o novo colega e oscula demoradamente os seus directores: José Coelho Flor, F. de Araújo e S. Ferreira.

Desejos só tem um: tantos anos de vida como para nós pedimos.

PEÇAS E

1923



O que é o Juízo Criminal, ou por outra, O Juízo dos Juizes perante um criminoso
ou ainda

A falta do Juízo Criminal

Peça numa audiência que vale por uma dúzia

O JUIZ — *Meretíssimo como sempre.*
O ADOVADO DE DEFESA — *Dentro do seu papel.*
DELEG. MIN. PÚBLICO — *Acusador por dever de ofício.*
O RÉU — *Cara de bom sujeito com 10 prisões por furto e passador de moeda e cheques falsos.*
AS PARTES — *Postas para um lado como é de uso.*
DIVERSAS TESTEMUNHAS — *Enfiadas e sinceras.*

CENA I

O MERETÍSSIMO JUIZ, *distraidamente lavrando a sentença do julgamento anterior* — Está aberta a audiência.
O ADOVADO DE DEFESA — O meu constituente está no banco dos réus.
O MERETÍSSIMO ao DELEG. DO MIN. PÚB. — É uma questão *bandória*, não é?... (*Alto*) Tragam-me o Código do Processo Penal. (*Berrando*) Este tribunal é uma vergonha. Eu não posso julgar de cor e saltado. (*Continua a redigir a sentença anterior.*)
O DELEG. MIN. PÚB. — Tratando-se de salteadores...
O ADOVADO DE DEFESA, *fala durante meia hora para comprovar que o cheque falso que o réu passou não era falso; era bera.*
O JUIZ, *distraidamente* — Muito bem. (*Ao Oficial de Diligências.*) Faça entrar os réus de há boçado. (*Entram os RR.*) (*Aos RR.*) Ide em paz passarinhos implumes. Os palavrões com que ofendestes o queixoso foram ditos de boa boca. Quanto às testemunhas do mesmo, que tiveram o desplante de dizer o que ouviram com tôdas as letras, vão 48 horas para a cadeia. Pulhas! Ide com Deus e não vos esqueçais de mim. Moro longe; mas não faz mal: rezai por mim nas vossas orações.
Os RR. (*saindo*) — Isto é que é um homem que julga por si.
DELEGADO (*ao réu de agora*) — Sabe de que o acusam!
O RÉU — Eu não senhor. Quem sabe é o meu advogado.

O ADOVADO DE DEFESA — Este homem é um inocente. Está naquele lugar por que cometeu a infantilidade de pagar o que devia...
O JUIZ — Isso é grave...
O ADOVADO, *continuando* — Com um cheque que não tinha cobertura...
O JUIZ — Com êste calor até eu durmo descoberto. (*Mande entrar as testemunhas.*)

AS TESTEMUNHAS (*entram uma a uma*). As *de acusação* comprovam às mil maravilhas que o réu foi um gatuno. As *de defesa* dizem apenas, quasi medrosamente, que o réu era honesto. Neste entretanto o Juiz escreve, rabisca, coça a caspa e não ouve nada do que as testemunhas dizem.

O DELEGADO — Fica, portanto, provado que o réu está incurso no crime de passador de moeda falsa.
O ADOVADO — Não é bem assim...
O JUIZ, *interrompendo* — Não é bem assim? (*Preguntando*). Pagaram o cheque?
O RÉU (*sincero*) — Não, Sr. Dr. Juiz. Não tinha lá dinheiro...
O JUIZ — Então se não tinha como podia ser falso...
O ADOVADO — Sr. Juiz. Está-se aqui a cometer um crime. A parte queixosa veio de má fé acusar êste homem honrado...

A PARTE — Mas êsse homem pagou o que devia com um cheque falso.
O JUIZ — Então se pagou para que o acusam?...

A PARTE — Mas nós ainda não recebemos...
O JUIZ (*absolutamente sincero*) — Nem eu, e no entanto não me queixo. (*ao réu*) Tem mais alguma coisa que alegar em sua defesa?

O RÉU (*chorando*) — Sou muito infeliz, Sr. Dr. Com esta é já a quarta vez que me acusam de coisas desta natureza. Portanto peço a V. Ex.^a que tome na devida conta esta atenuante, e mais dois anos de prisão já sofrida.

O ADOVADO (*na tirada final*) — Sr. Juiz: o meu constituente é um homem de bem. Ninguém será capaz

de afirmar que não procura pagar. E em justiça todos os meios são bons para se chegar aos fins. Os queixosos procederam *desorientadamente* mandando cobrar um cheque que lhes tinha sido dado com o único propósito de saldar as contas. Portanto peço a V. Ex.^a que de acôrdo com o Código, mande o réu em paz e condene os queixosos nas custas respectivas.

AS PARTES — Sr. Juiz: como ficou demonstrado o Réu procedeu com refinada má fé. Por isso pedimos a V. Ex.^a o favor de proceder conforme a lei. (*E' encerrada a audiência.*)

A SENTENÇA

Usando da faculdade, etc... e tendo em conta que os queixosos procederam de má fé, accionando um honrado comerciante que cometeu o único crime de não saber se tinha dinheiro no Banco, absolvo o réu definitivamente em casos desta natureza, e condeno o autor nas custas dêste processo.

O FINAL

Ouve-se um barulho da parte das Partes...

O JUIZ (*distraidamente para o réu*) — Veja lá agora se o cheque que me manda é igual ao dos queixosos, ouviu?...

J. de A.

CARTAZ DE HOJE

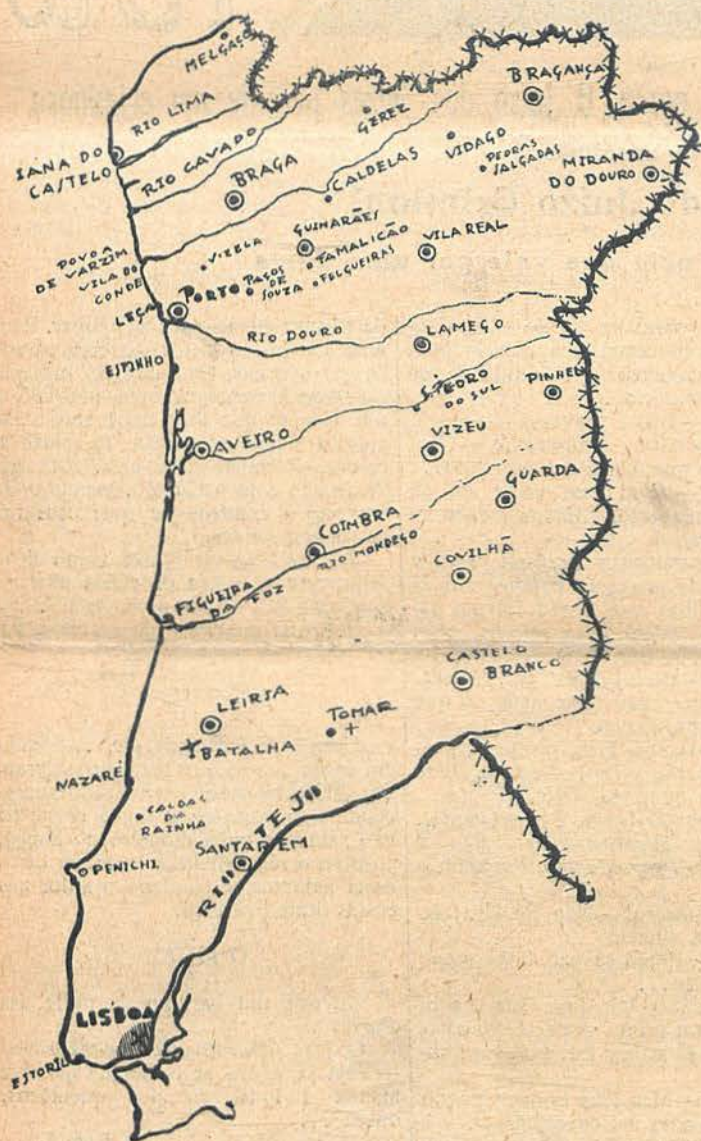
S. João: Ainda não encerrou as suas doiradas portas para obras.

Olympia: Espectáculos pelo Grupo dos 5, com a comédia *Três Gerações*, original do Dr. Ramada Curto.

Passos Manuel: Espectáculos completos de ilusionismo pelo professor Mild.

Batalha: A grandiosa produção alemã de aventuras policiais, *Al Capone*, com Olga Tschekova e Haas Rehmann.

Concurso de Setembro



Ora cá temos nós o esquema do mapa de Portugal (parte Norte do Tejo). E' neste espaço do nosso País, onde correrá o

Automóvel Mistério
que no próximo Sábado fará a sua **Primeira viagem mistério.**

Para que os concorrentes tenham direito aos diversos prémios num total de

1:500\$00 Escudos

bastará que recortem o esquema junto e no-lo enviem até à próxima Quarta-feira, depois de terem desenhado sobre ele o itinerário que entenderem como melhor e de acordo com as instruções que daremos tôdas as semanas. O

Automóvel Mistério

terá de percorrer: Tantas cidades, atravessar tantos rios; visitar tantos monumentos, tantas praias ou termas, quantas aquelas que dissermos nessa semana.

Os Rios, as cidades, as praias ou as termas, não podem ser senão aqueles que o nosso mapa menciona.

OS PRÉMIOS

Ver as condições publicadas nos nossos números 18 e 19.

Na próxima semana iniciar-se-á o formidável Concurso Semanal do

AUTOMÓVEL MISTÉRIO